INVESTIGAÇÃO
AO
CASTELLO,
SITUADO NA SERRA
DE
CINTRA.

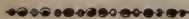
PELO ABBADE

A. D. de Castro e Sousa,

Academico Honorario da Academia das Bellas Artes, e Socio Effectivo na secção de historia e antiguidades do Conservatorio Real de Lisboa &c. &c.

LISBOA:

NA TYP. DE A. J. C. DA CRUZ.

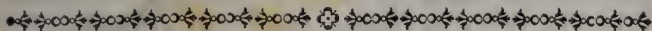
Rua de S. José n.º 140.

1843.

Ao Ill.mo e Ex.mo Senhor

Policarpo Jozé Machado, Digno Par do Reino, do Gonselho de Sua Magestade Fidelissima, e Commendador da Ordem Militar de Christo.

D. e Off.

EM TESTIMUNHO DE ANTIGA E MUI APRECIAVEL AMIZADE

O AUTHOR.

ADVERTENCIA.

Posto que a Obra intitulada — *Relação do Castello, e Serra de Cintra*, pelo Bacharel Francisco de Almeida Jordão (*), impressa em 1748 (hoje mui rara), e a de *Cintra Pinturesca, ou Memoria Descriptiva da Villa de Cintra, Collares, e seus arredores*, impressa em 1839, descrevem ambas o dito Castello, todavia não deixaremos de dar á estampa esta nossa *Investigação* sobre um monumento tão antigo, quanto digno da analyse dos amadores, pelas venerandas recordações que inspira; e como seja ella manual e idonea poderá servir de algum soccorro, ou de guia áquelles que alí se encaminhão levados do desejo de observar as particularidades interessantes, que o arruinado edificio em si contém.

Em todas as nações extrangeiras ha itinerarios, e guias instruidos; porem em a nossa (com magoa o repetimos) se por acaso os temos, são raros, e a maior parte não teêm os necessarios conhecimentos da historia patria, nem de muitos objectos curiosos, que os vetustos monumentos geralmente encerrão.

Duarte d'Armas, creado debuxador d'El-Rei D. Manoel, que viveu pelos annos de 1507, traçou á penna, em pergaminho, o Castello de Cintra (**); e a mesma fabrica se póde igualmente

---

(*) Traductor da Arte Legal de *Bermudes*. Advogado Castelhano. 1. vol. em 4.º Obra de muito merecimento.

(**) Assim como o Palacio dos Snr.s Reis, na Villa. Veja-se na Torre do Tombo, na Casa chamada da *Corôa*.

observar na *Topographia de Portugal* que o Padre João dos Reïs, da Comp.ª de Jesus, *Alemão*, bom Mathematico, insigne na pintura e perspectiva, delineou no 18.º seculo, com todo o acêrto.

Boileau Despreaux ponderou no Prefacio das suas Obras, que o engenho não consistia tanto em inventar cousas novas, como em dar um ár agradavel ás que já erão sabidas.

Mais gósto de vêr em Portugal as ruinas e desenganos do que foi, que a vaidade e variedade do que é!

Claudiano soube fecundar esterilissimos assumptos.

VALE.

Salve, ó restos venerandos
Do feudal Castello antigo.

. . . .

Apraz-me observar a sós
Os despojos do esplendor,
Que fez, n'outro tempo, a gloria
Do vosso extincto Senhor.

. . . .

Aqui, com todo o solemne
D'um sentimento profundo,
Brada á mente a voz dos tempos
— Eis as grandezas do mundo —

POESIA.

INVESTIGAÇÃO

AO

CASTELLO.

Situado na Serra de Cintra.

Castello, hoje em ruinas derrocado.
Escassa ameia vês em pé suster-se
No escalavrado muro. . . . .
Garrett. Camões, Poema, Canto IX.

A cinco leguas a Oes-Noroeste da Cidade de Lisboa, em uma das elevadas serras da famosa Cintra, se acha o antigo Castello (*), que toma o nome da mesma Villa.

Referem alguns; mas não ha disso certeza, que fôra edificado pelos Turdulos (§) no anno do Mundo 3:382, e reedificado pelos Mouros, no de Chris-

(*) Que faz lembrar pela sua posição o Castello de Merdin, edificado sobre uma montanha, no Paiz de *Algizira* na Arabia. Vide *La Galerie Agreable du Monde*, 66 tomos em fol. com estampas.

(§) Os quaes occupavão então a Costa maritima desde o *Promontorio da Lua*, ou Cabo de *Cascaes*, até ás entradas do *Douro*.

to 713, depois da fatal batalha junto a Xeres de Guadalete, na Andaluzia, que perdeo D. Rodrigo, successor de *Witiza*, e derradeiro Rei dos Godos, contra Tarifa Abenzarça, e o desleal Conde Julião.

Consta porém authenticamente, e sem detrimento da verdade se póde affirmar, que El-Rei D. Affonso 6.º de Leão e Castella (que reinou desde 1074, até 1109) o sujeitára, e a Villa; tornou-se a perder, e o reconquistou o Conde D. Henrique de Borgonha (1), pelos annos de 1109; sendo 38 annos depois restaurado totalmente por D. Affonso Henriques seu filho (::).

A sua situação sobre huns enormes penhascos o tornavão quasi inexpugnavel á armatoste (⚭), á bastida (✿), á catapulta (x), ao ariete (2), e ao trabuco (3); e defendia as principaes avenidas de Cintra, fazendo em grande parte a segurança desta Villa, mas hoje! hoje!

Musgo, pedras, e mais nada!

E' evidente que El-Rei D. Sancho 1.º, o *Povoador*, o reformára, ou por causa de ruina procedida na sua tomada, em 1147, ou por effeito de algum acontecimento (*), isto por Carta passada ao

---

(::) Vide *Chronica dos Godos.*

(⚭) Engenho de que usavão os antigos para despedir as béstas. Vide *Monarchia Lusitana.* Tomo 1.º, liv. 7.º, cap. 28, por Fr. Bernardo de Brito.

(✿) Era uma como torre de madeira, igual ou mais alta que o Castello, da qual se atiravão as béstas na antiga milicia. Vide *Chronica* d'El-Rei D. João 1.º part. 1.ª, cap. 64, por Lopes.

(x) Machina de guerra, com que os antigos lançavão pedras, dardos, venabulos, e virotes de uma grossura extraordinaria.

(*) Este Castello pertencia á Corôa do Reino. Vide na Torre do Tombo, Gaveta 15, Maço 5.º, N.º 1.º

Anadel e besteiros do Couto de Cintra; em que os isenta de pagarem entalhas, e ensacas ao Conselho, nem outra cousa alguma, salvo no fazimento e refazimento dos muros; ordenando aos *alvasis* e *veedores* de Cintra que lha cumprão; a qual confirmou depois em Lisboa, aos 10 de Agosto de 1336, El-Rei D. Affonso 4.º, o *Bravo* (§).

Pelos annos de 1373 El Rei D. Fernando 1.º, o *Formoso*, por conselho de João Annes de Almada, Vedor da Fazenda, o reedificou, sendo seu casteval (*) Pedro Affonso (**).

No de 1383 ainda estava bem fortificado e defensavel (4), sendo então seu governador D. Henrique Manoel de Vilhena, Conde de Cea e Cintra, que tinha o Castello por parte da Rainha D. Leonor Telles de Menezes, viuva d'El-Rei D. Fernando 1.º

Desde essa epocha, até nosos dias, tem existido em total abandono esta construcção de tantos seculos.

Taes obras que nos estão continuamente dando lições do passado, e indicando o futuro destino do presente, deverião ser sempre conservadas para honra e interesse da nação; porque tendo decorrido os factos, dos quaes já não existem testemunhas, que se possão consultar, só os podemos conhecer pela

---

(§) Vide no Archivo real. Livro 4.º d'El-Rei D. Affonso 4.º, fol 75.

(*) O mesmo que hoje Alcaide-mór, e não *castellão*, como alguns entendem. Vide a *Miscellanea* de Miguel Leitão de Andrade, pag. 456.

(**) Os Alcaides-móres deste Castello, além de Pedro Affonso (de que temos noticia), forão Ruy Fernandes, Gil Martins, Pedro Eanes Portel, Gonçalo de Azevedo, e Gaspar Gonçalves Ribafria, que ficou a merce, em seus descendentes, até o anno de 1834. Vide na Torre do Tombo, liv. 5.º dos Misticos.

historia, e pela investigação dos monumentos antigos.

Oxalá que o governo olhasse melhor para que se não aniquillassem tantas preciosidades deste genero, gloriosos adornos do territorio portuguez.

Deixemos as tradições falsas, ou viciadas pelo ignorante e sempre credulo vulgo, de que neste Castello ha *thesouros encantados*, e *espiritos malfazejos*, como nos edificios acastellados e romanticos, nas margens do Rheno(§). O nosso *Gil Vicente*(*), no seu Auto que intitulou — *O Triumpho do Inferno*, na falla da Serra de Cintra, assim o diz tambem, pois este era o espirito do 16.° seculo!

Levados de nosso genio investigador, em uma de nossas estadas na fresca Cintra (a amada do verão), no anno de 1838, fomos examinar este Castello na companhia de um guia, que sabia os passos e logares mais reconditos deste antiquissimo edificio, que facilmente encontrámos, por ser logar tão frequentado, que qualquer pastor da Serra, e o mais estolido burriqueiro, são praticos delle.

O que se segue é pois o fructo da nossa pesquiza.

Para se subir ao Castello que antigamente se compunha de cinco torres (cujas restão as ruinas), e varias furnas de que está minado, e é facil achar quando se examinão, é mister rodear primeiro a

---

(§) Por exemplo o de *Ehvenbreitstein*, *hoje de Frederico Guilherme;* que foi assediado por *Mr. Marceau*, General Francez, em Janeiro de 1799, onde jáz; e sobre o tumulo tem gravada a inscripção que termina assim: *Que a sepultura do bravo seja respeitada por amigos e inimigos.* Em 1815 o rei da Prussia, obedecendo á inscripção, mandou que a sepultura do bravo fosse respeitada.

(*) Celebre Poeta da Côrte d'El-Rei D. Manoel.

Cèrca do Convento da Trindade(§), situada no arrabalde de Cintra; e para elle se entra por uma pequena porta á mão direita que se encontra na primeira muralha de que está circumdado todo, a qual é feita de argamassa mui rija, que parece affrontar os seculos, igual á que se observa em todos os vestigios de obras construidas pelos Celticos e Mouros.

A pouca distancia se vê outra porta na segunda muralha do Castello, que tem 11 palmos e meio de altura, e é a principal, encostada á qual se acha um reducto (*) com tres columnas de cada lado, á mão esquerda, e tem o comprimento de 100 palmos.

Depois de se haver entrado, se encontra uma antiquissima Igrejinha, que denota ter sido Mesquita de Mouros(**), e a qual D. Affonso Henriques, logo que tomou o Castello (é bem de crer),

---

(§) Fundado por El-Rei D. João 1.º, de *Boa memoria*, no anno de 1410, como consta na Torre do Tombo do Livro 3.º, do mesmo Rei, a fol. 123. Foi neste Convento aonde viveo e morreo, a 8 de Abril de 1418, Fr. Alvaro de Castro, filho do 1.º Condestavel deste Reino, D. Alvaro Pires de Castro. Na casa da mesma Ordem, em a Villa de Santarem, estava (onde o vimos em 1818) o seu retrato com o guião de côr carmesim na mão, com as Armas da Ordem de S. Bento de Aviz, de que fôra reformador. Foi confessor d'El-Rei D. Pedro 1.º o *Cru, ou Justiceiro*, e regeitou o Bispado de Lisboa.

(*) Na architectura militar é um pequeno forte, destinado para servir de corpo de guarda, e assegurar a circumvallação, e contravallação, e as linhas de aproxe (*Parvum munimentum operibus prostructum*).

(**) Aos quaes não é permittido pintar, nem insculpir nenhuma figura humana, ou animal, nem arvores, nem ramo, nem ainda a de uma bonina, em suas obras; por isso não se observão neste Templo.

tratou de mandar purificar, e converter em Casa de Oração (§), que dedicou ao Apostolo S. Pedro (5) de Canaferrim (6).

Na Capella maior se observa actualmente um signal da Imagem do Principe dos Apostolos pintado, que mal se conhece já. Tem a referida Igrejinha na capella mór 32 palmos de largo, e 20 de comprido, com uma inscripção em caracter antigo, em circulo, em muitas partes apagada; e ainda se conserva coberta de abobada.

O corpo desta Igrejinha abandonada está todo descoberto, e tem 49 palmos de comprido; a porta principal fica ao occidente, e da banda do sul tem outra pequena porta, e uma janella fronteira, com 10 palmos de alto.

Além da Imagem pintada no espaldar do Altar maior, havia outra de pedra de Ancãa, que hoje existe na Ermida de Santa Eufemia (que fica em um monte visinho ao Castello, da parte do sul), onde se pode vêr (*).

Não longe da sobredita Igrejinha se acha uma fonte singular (**), distante das primeiras tres tor-

---

(§) Com faculdade de D. *João Peculiar*, Arcebispo de Braga.

(*) Que, pelo stylo recorda a infancia da Esculptura em Portugal. Depois da restauração da Arte, nos principios do 16.º seculo, foi-se usando mais a pintura, e em nosso Reino foi ella fazendo mais progressos que a esculptura. Para asserção desta verdade veja-se a estatua do Infante *D. Henrique* (✿), no Portico da Igreja do Real Mosteiro de Belem, lavrada pelos annos de 1503.

(**) A qual chama *sala de banhos dos Mouros*, Mr. *Murphy*. A maior parte dos extrangeiros que tem vindo

---

(✿) *Que abrio a Lusitania, á Europa, ao Mundo*
Novos caminhos pelo mar profundo.
Gama, Poema Narrativo, Canto VI.

res 300 passos: entra-se para ella por uma porta pequena, descendo dous degráos; e á mão esquerda ha outros dous que estão mettidos dentro da agua. E' esta nascente coberta de abobada com tres arcos (cheios de plantas musgosas que crescem nas fisgas do antigo cimento, e de estalagmites), bem obrados, e se acha arruinada, tendo duas fendas por onde se observão suas aguas, que são de um bello sabor; e comprehende 63 palmos de comprimento, e 26 de largura; tal nascente é o objecto primeiro que se offerece a quem vai ver o Castello pela imminencia em que fica; e o seu nascimento é tão copioso, como maravilhoso; pois no verão se não conhece mingoa em suas limphas cristalinas, que se encaminhão ás fontes do Paço Real, na Villa.

Está bastantemente entulhada de caliça que tem cahido, e vai cahindo das duas fisgas da abobada.

Merecia ser conservada com o Castello, que é sem duvida uma das mais notaveis antiguidades que temos (*); e para que os viajantes extrangeiros, que tanto cuidado tomão pelos seus monumentos, tivessem mais que admirar, quando visitão, o nosso Paiz.

Seguindo para a primeira torre, se encontra uma tulha (§), que tem 5 palmos e meio em linha recta, e onde dizem que houvera um caminho subterraneo, que hia até Rio de Mouro, e que delle

---

a Portugal, e teem escripto sobre nossas cousas, merecem pouco credito. Mr. *Hautefort* é uma das poucas excepções a este respeito na sua obra: *Coup d'œil sur Lisbonne et Madrid*. O vulgo conhece esta fonte por *cisterna dos Mouros*.

(*) Assim como o Templo que fôra consagrado a Diana (segundo faz acreditar algumas inscripções latinas), na Cidade de Evora.

(§) Deposito para recolher fructos, grãos &c.

assim se denominára o mesmo rio; se não é (como referem outros) o terem-se morto os ultimos Mouros junto das suas aguas, quando D. Affonso Henriques, no anno de 1147, adquirio o Castello á força de armas, como diz o Principe dos Poetas Lusitanos, canto 3.º, est. 56:

> *E nas serras da Lua conhecidas*
> *Sobjuga a fria Cintra o duro braço.*

E á mão direita se devisa o signal de uma porta por onde dizem era a entrada do referido caminho subterraneo (§).

Ao pé desta primeira torre está outra tulha quasi entupida, e no fim da quinta torre outra; e duas mais depois de sahir pela porta da *Traição*, por onde, segundo se conta, os nossos animosos Portuguezes conseguirão senhoriar o Castello; e as quaes tem correspondencia uma com outra: suppomos poderá haver muitas mais, que não descobrimos; pois nesta Investigação só relatâmos o que observámos.

Esta primeira torre se acha mui damnificada por causa de hum raio, que nella cahio pelos annos de 1636, e custa muito a sua subida para se poder examinar; comtudo vai-se até ao logar mais alto della por uma escada assaz arruinada, que se acha dentro da referida torre, a que se chamava da *Menagem* (*): a sua abobada, pelo terremoto do

---

(§) Outros, que alí havia este caminho subterraneo para poderem evadir-se os sitiados, vendo-se em grandes apertos; e outros finalmente dizem que por este caminho conduzião agua (por um aqueducto subterraneo) de um ribeiro, que passa atravez da Serra; mas tudo são tradições que não teêm documento algum que as auctorisem.

(*) Logar de respeito que serve de prisão, nestes edificios, a pessoas nobres.

1.º de Novembro de 1755, ficou quasi toda demolida, assim como as muralhas deste Castello se destruirão em partes.

A segunda e terceira torres ficão em distancia da primeira, sendo todas de uma argamassa mui rija; mas é perigoso subir a ellas pelo seu estado de damnificação.

A' quarta torre se vai, por uma escada grande arruinada, em circumferencia da muralha, e nella se não acha cousa mais notavel, do que nas outras tres, que referimos.

A quinta torre (§) está antes de chegar á porta denominada da *Traição*; é a mais alta, e a mais admiravel (*), e se chamava *Torre Real*, onde se arvorava a Sina (x). Vai-se a ella da mesma maneira que para a quarta, á roda da muralha, por mais de 500 degráos, muito destruidos, e em partes apresentando evidente precipicio; tornando-se necessario subir sobre as mãos e pés: tem a sua entrada por uma grande abertura, que fica ao Nascente, e dentro da torre, por cima da abertura, está uma janella de 12 palmos de alto, e fronteiro a ella um plintho da mesma materia de que é fabricada, onde se alçava a Bandeira; arruinado quasi todo; mas os vestigios, que ainda conserva, mostrão que foi feito com o dito destino.

(§) Corre por veridico que nesta Torre viveo nos principios do 16.º seculo, por algum tempo, o celebre, saudoso, e namorado Poeta, *Bernardim Ribeiro*,

> . . . . . . *que das musas lusitanas*
> *Primeiro obteve a c'roa d'alvas rosas.*
> Garrett, Camões, Poema, Canto IX.

(*) Desta torre a vista abraça uma vasta extensão de paiz, e um numero consideravel de aldeas, charnecas, mattos, valles, campinas, quintas, e pomares.

(x) Bandeira Real. Vide *Livro dos Regimentos d'El-Rei D. Diniz*, no titulo de Alferes-mór.

Distante poucos passos se observa a porta da *Traição*, fim do Castello (§), a qual é muito pequena, e com difficuldade entra uma pessoa por ella; ficando para a parte do Occidente, e virada á Serra, denominada dos Capuchos.

Sahindo a porta da *Traição* por um caminho escabroso, se depara com a primeira muralha do Castello, que toda está rodeada de linhas de circumvallação.

Era este Castello (7), duas vezes no anno, velado pelo povo do *Termo de Cascaes*, que a elle vinha pernoitar; e onde accendia fachos para indicio de que alí se achava; motivo pelo qual lhes era concedido, de tempos remotos, a isenção de pagar só meia jugada.

As heras (Linneo, *Hedra helix*) (*) annosas, que pelo andar dos tempos teêm adquirido espantosa grossura, por maneira que subindo ás sumidades das torres, das ameias, e das muralhas, offerecem uma perspectiva melancholica, porem maravilhosa e pinturesca; as videiras bravas, e uma infinidade de plantas parasitas, inseparaveis companheiras das ruinas e dos monumentos solitarios e

---

(§) Possuimos algumas moedas d'El-Rei D. Sancho, D. Affonso 4.º, e D. João 1.º achadas neste Castello, no anno de 1838. Muitas vezes o que não vence muita diligencia, se consegue por uma rara casualidade. As moedas são uns documentos, com que se authorisão as Historias.

(*) Este arbusto foi consagrado a Baccho pela gentilidade, e com elle coroavão as cabeças, e enfeitavão os thyrsos as Baccantes; que não podião ter difficuldade alguma em encontrar esta planta, abundantissima na Thracia.

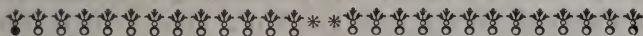
Deve se observar que a hera, que entre nós se arroja pelo chão, se levanta em arvore na Italia, e em algumas das nossas provincias meridionaes.

abandonados, que formão em alguns sitios brenhas impenetraveis, asylo seguro dos animaes habitadores das ruinas; os lanços dos muros, torres, e outros logares das muralhas, tornão, aos olhos do observador curioso ou do viajador instruido, este monumento, além de mui interessante, digno de escrupuloso exame.

Eis-aqui a nossa Investigação ao Castello, situado na Serra de Cintra, tão afamado, tão conhecido e nomeado pelos historiadores Nacionaes e Extrangeiros.

. . . . . . Se alguem duvida
Póde ir vê-lo, como eu.

(A Noite do Castello, Canto 1.º).

FIM.

NOTAS.

(1.ª)

Sobre a filiação do Conde D. Henrique, deve vêr-se a Chronica da Abbadia de Fleury (*Fragmenta hist. a Rege. Roberto ad Philipp. I. Chronicon seculi XIII. a Flores edit. ad calcem Historiæ Compostellanæ*), escripta em tempo do Conde D. Henrique Esta Chronica foi composta por um Monge Benedictino, e contém a historia do que se passou, desde o anno de 897, até 1110.

(2.ª)

Machina de guerra, composta de uma grande viga ferrada no cabo em fórma de cabeça de car-

neiro, com duas pontas de cobre, e suspendida no ar, lançada, ou expellida á força de braços, com que batião as torres, e muralhas.

(3.ª)

Machina de guerra, que teve uso antes da artilheria (*). Constava de uma grande trave ferrea, que, desandando com força, arrojava pedras em longa distancia. Acha-se este termo *Trabuco*, em algumas Chronicas antigas. Era differente das *catapultas*, porque estas lançavão dardos &c., mas ambas retrocedião da mesma maneira.

(4.ª)

D. Nuno Alvares Pereira, depois de haver assediado o Castello com 300 homens de lança e pavez (§), por parte do Mestre de Aviz D. João, á vista do seu governador, que nelle se tinha fechado, se retirou, tendo feito muito estrago, e uma prêsa importante em gados, nos logares circumvisinhos. Em vingança da affronta recebida pelo Conde de Cea e Cintra, lhe preparou a Condessa *D. Beatriz de Souza*, sua consorte, uma perfidia em Coimbra, a qual juntando parentes, creados e alguns moradores da Cidade deu de subito no Paço

---

(*) *Rogerio Bacon*, inglez, Frade Franciscano, publicou o seu tratado de *Secretis operibus Artis et Naturæ*, no fim do 13.º seculo, no qual dá conta da sua composição de salitre, enxofre, e carvão. *Bacon* passa por ser o primeiro inventor, ainda que muitos deêm essa honra ao Frade, tambem Franciscano, *Bertholdo Schwartz*, Alemão, que dizem a descobríra mais tarde, em 1350. *Pasquier* considera o Mundo ás avessas em ser a Artilheria inventada por um Frade, e a imprensa por um Homem de guerra.

(§) Escudo largo, que cobria todo o corpo do soldado, por onde podia ter damno. Delle nasce *pavezar* e *pavezado*, que se acha na Chronica d'El-Rei D. João 1.º, pag. 234.

onde se achava D. Nuno Alvares, o qual se não fôra prevenido, lhe cahíra nas mãos. Dando-se D. Nuno por vingado em deixar na Condessa o odio, por castigo, o delicto por pena, nos aliados. Vide *Vida de D. Nuno Alvares Pereira*, pag. 78 e 133, pelo Padre Fr. Domingos Teixeira.

(5.ª)

Talvez que em memoria de ter aportado pela foz do Tejo, na Vigilia dos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, a armada de duzentas velas, que havia partido de Inglaterra no mez de Abril de 1147, na qual vinhão Inglezes, Flamengos e Lorenezes, commandada pelo Conde *Arnoldo de Ardescot* (*), que hião para a conquista dos Logares Santos (§); mas que compellida de um furioso temporal, chegava a demandar o abrigo das nossas Cóstas; e estes, com as propostas que lhes fez D. Affonso Henriques (annuirão facilmente, por se conformar com seus intentos, que erão guerrear os Infieis), ajudárão a cercar, e conquistar o que hoje é capital do nosso Reino, em 21 de Outubro do mesmo anno, já referido, de 1147. Vide *Veterum monumentorum*, Tomo 1.º, pag. 800, da Collecção de *Martene*, e *Durand*, Monges Benedictinos de S. Mauro. Paris 1724.

(*) E' grande anachronismo, o dizerem alguns escriptores, que a frota ou armada era capitaneada por *Guilherme de Longa Espada*, o Bastardo (por ser filho illegitimo de Roberto do Diabo), Duque de Normandia (aquelle que no dia 14 de Outubro de 1066, no logar chamado *Senlac*, proximo de *Hastings*, trocou o nome, pelo de *Guilherme* 1.º, o *Conquistador*, *Rei de Inglaterra*), fallecido em 1087, antes deste successo 60 annos!

(§) No anno de 1146 o Papa Eugenio III., *Pisano*, a instancias de Luiz 7.º Rei de França, approvou a segunda Cruzada. Tinhão os soldados por devisa uma Cruz sobre o hombro direito, donde veio chamarem-se *Cruzados*.

(6.ª)

Nos annos de 1301, El-Rei D. Diniz, a rogos da Rainha D. Isabel, sua mulher, mandou edificar a Igreja Parochial de S. Pedro de Canaferrim (nome hoje corrumpido no de Penaferrim), no logar onde agora permanece. E' de notar que da Igrejinha (que fôra Mesquita) que havia no Castello, e de que fallámos, foi para a torre da nova Igreja de S. Pedro (*) uma campa de feitio chato, que denotava haver sido fabricada pelos Monros; a qual muitos annos depois se collocou no campanario da Igreja de S. Martinho (fundada no principio da Monarchia) situada na praça da Villa.

(7.ª)

O Senhor D. Fernando Augusto Francisco Antonio, Rei de Portugal, o 2.º do Nome, e Duque de Saxe-Coburgo-Gotha (x), o tomou de aforamento, em 1842, pela quantia de 240 reis, á Camara da Villa de Cintra!

FIM DAS NOTAS.

(*) Aonde foi Prior no seculo passado, o jovial Padre Braz, author da *Farçola mythologica*, escripta em stylo mui desenfastiado.

> *Nem sempre existirá severidade;*
> *Ainda nos que tem mais sizudeza*
> *Precisa-se haver jacocidade.*

(x) Nas visinhanças da Cidade de Coburgo está o Castello do mesmo nome, com uma casa de trabalho e correcção.